

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Histórias dos trabalhadores do agave no município de Caiçara/PB
(1945-1966)

JOSE HILDEMARCO MENDES SOARES

GUARABIRA – PB
JUNHO DE 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S676h Soares, José Hildemarcio Mendes
Histórias dos trabalhadores do agave no município de
Caiçara/PB (1945-1966) [manuscrito] : / Jose Hildemarcio
Mendes Soares. - 2014.
44 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.
"Orientação: Mariângela de Vasconcelos Nunes,
Departamento de História".

1.Trabalhadores. 2. Agave. 3. Caiçara-PB. I. Título.
21. ed. CDD 981.33

JOSE HILDEMARCIÓ MENDES SOARES

Histórias dos trabalhadores do agave no município de Caiçara/PB (1945-1966)

Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento as exigências curriculares como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e requisito para a obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mariângela de Vasconcelos Nunes.

**GUARABIRA – PB
JUNHO DE 2014**

JOSE HILDEMARCIO MENDES SOARES

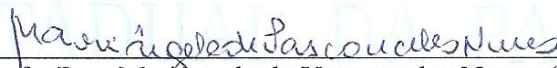
**HISTÓRIAS DOS TRABALHADORES DO AGAVE NO MUNICÍPIO DE
CAIÇARA/PB (1945-1966)**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em História, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba (CH – UEPB), como requisito a obtenção do título de graduado.

Orientadora: Profa. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes.

Aprovado em: 12 de junho de 2014

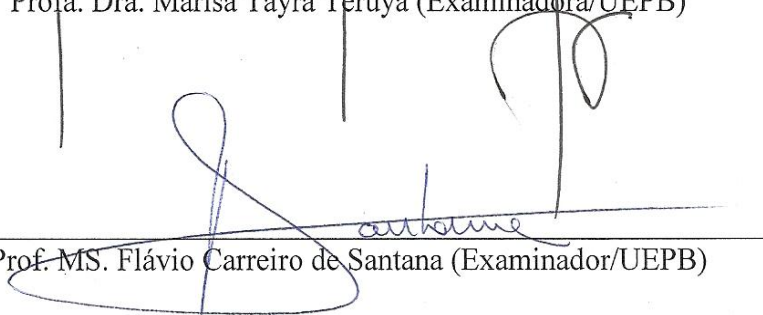
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes (Orientadora/UEPB)



Prof. Dra. Marisa Tayra Teruya (Examinadora/UEPB)



Prof. MS. Flávio Carreiro de Santana (Examinador/UEPB)

Dedico este trabalho a meu irmão José
Hidalberto Mendes Soares (in memoriam)
pelo exemplo de pessoa humilde e alegre
que não tive o prazer de conviver
intimamente mais alguns anos de vida.

AGRADECIMENTOS

Á Deus, que sempre esteve ao meu lado me dando forças para seguir fiel as minhas atribuições acadêmicas e me possibilitando sabedoria como a ferramenta necessária a construção do saber histórico.

Aos meus pais: José Soares e Maria Armanda pelo apoio, e a dedicação à educação de seus filhos, pondo-a em primeiro plano.

A meus familiares e amigos, pelos momentos de apoio e companheirismo, mas também a compreensão da minha ausência e omissão. Em especial a minha prima / professora de História Lucélia Cristina Soares de Almeida que foi de um inexprimível afeto durante toda a graduação amparando-me quando necessitava. Também a minha tia, Maria Zélia Soares e o amigo Seu Antônio Gregório(residente no Rio de Janeiro), que foram de fundamental importância suas palavras de estímulo.

A minha amiga Maria Marques e meu Tio “Joca” e sua esposa Darcy que abriram as portas de sua casa e me receberam nos primeiros dois anos de curso.

A minha orientadora, pela paciência e sensatez, pelas críticas e rigidez que foram pontos-chaves para o melhoramento e desenrolar desta pesquisa. A essa brilhante pessoa sou todo agradecido.

Aos meus colegas da Universidade: Edvan Querino, Ana Raquel, Danilo Pereira (in memoriam), Tânia, Aparecida e todos os demais da turma 2008.1 pela convivência e contribuições na vida acadêmica.

A EMATER na pessoa de Ednardo, que todas as vezes que fui até ele me recebeu com atenção e eficácia auxiliando no fornecimento de informações importantíssimas. Além de documentos oficiais e na apresentação de pessoas que moravam na zona rural de Caiçara para a entrevista.

A professora de inglês Josely Ferreira que se dispôs a colaborar com a tradução do resumo para a língua inglesa.

A todos os entrevistados que se dispuseram a dar seu depoimento, a contar sua história de vida no período do agave.

A todos que de alguma forma colaborou direta e indiretamente para a construção desse trabalho. Meu muito obrigado.

Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

O século XX fora marcado por grandes mudanças no cenário nacional brasileiro e entre essas está a cultura do agave que submergiu outras culturas e ganhou destaque em vários estados brasileiros, especialmente na Paraíba. Neste sentido, este estudo busca entender as vivências dos trabalhadores rurais na cultura do agave em Caiçara-PB, entre os anos de 1945 a 1966. Inicialmente faço um breve relato sobre a origem e como essa cultura chegou ao Brasil e no Nordeste. Para uma melhor compreensão do estudo, cito as principais características do agave e como a cultura foi produzida. Posteriormente mostro brevemente como era o cotidiano no trabalho. De modo que os personagens principais são os trabalhadores. O estudo aponta, principalmente, a partir das memórias dos trabalhadores como se deu a implantação e o desenvolvimento dessa cultura no município, possibilitando uma mudança na vida das pessoas que viviam da agricultura. Para composição deste estudo foram importante as entrevistas com antigos trabalhadores do agave e referencias bibliográficas, tais como Verena Albert (2006), Mariângela Nunes (2006) e Costa (1990).

Palavras-chave: Trabalhadores, agave, Caiçara-PB.

ABSTRACT

The twentieth century was marked by important changes in the Brazilian national scene and among these is the culture of the agave, which submerged other cultures and gained prominence in several Brazilian states, especially in Paraíba. Thus, this study seeks to understand the experiences of rural workers in the agave culture in Caiçara-PB, between the years 1945-1966. Initially I make a brief report about the origin and how this culture came to Brazil and the Northeast. For a better understanding of the study, I quote the main features of agave cycle and as the culture was produced. Subsequently I show how was the daily life on the work and meaning of agave for workers. In this way the main characters are the workers. The study points mainly from the memories of workers as it did the implementation and development of this crop in the county, allowing a change in the lives of people living from agriculture. For composition of this important study were interviews with former workers of the agave and bibliographic references, such as Verena Albert (2006), Mariangela Nunes (2006) and Costa (1990).

Keywords: Workers. Agave. Caiçara-PB

LISTA DE TABELAS, MAPAS E IMAGENS

TABELA 1: Produção mundial de agave – 1948-1952.....	17
TABELA 2: Produção brasileira de agave – 1949.....	17
MAPA 1: Mapa atual do estado da Paraíba.....	19
MAPA 2: Mapa atual da cidade de Caiçara.....	19
IMAGEM 1: Imagens da agave sisalina(preto).....	21
IMAGEM 2: O trabalho do cortador.....	26
IMAGEM 3: Jumento de carga com cangalha e cambitos.....	28
IMAGEM 4: Processo de desfibração do agave.....	30

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE TABELAS, MAPAS E IMAGENS

INTRODUÇÃO.....11

CAPÍTULO I - DAS ORIGENS DO AGAVE À IMPLANTAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CAIÇARA

1.1 Da origem à implantação no município de Caiçara.....14

1.2 As origens do agave.....15

CAPÍTULO II – O COTIDIANO DO TRABALHADOR NO MOTOR DE AGAVE

2.1 Das máquinas manuais as desfibradoras móveis.....21

2.2 O trabalho no roçado e no agave.....23

2.3 As funções no trabalho agaveeiro.....26

2.3.1 O cortador.....27

2.3.2 O cambiteiro.....27

2.3.3 O puxador.....29

2.3.4 O bagaceiro.....31

2.3.5 O lavador de fibras.....31

CAPÍTULO III – OS DESDOBRAMENTOS DO TRABALHO NO AGAVE

3.1 Dos acidentes e doenças.....33

3.2 A alimentação34

COSIDERAÇÕES FINAIS.....37

REFERÊNCIAS.....39

APÊNDICES

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....41

ENTREVISTADOS.....43

INTRODUÇÃO

Desde o segundo ano da graduação preocupou-me o tema que iria abordar em minha monografia. Com o tempo, pensei em contribuir com a historiografia do meu município: Caiçara. Mesmo assim, ainda não sabia sobre qual assunto discorreria. Posteriormente, o que me fez decidir foi a proposta de um professor¹ da cidade que esta atualmente elaborando um livro sobre o município de Caiçara, que me convidou a colaborar com seu projeto. Então, coube-me dissertar sobre a economia caiçarense, pesquisei sobre o agave², afinal já tinha certo conhecimento sobre o assunto, pois meu pai havia me falado algumas histórias de seu passado quando trabalhou na extração das fibras. Como também ele já havia comentado que nossos familiares tinham trabalhado com essa cultura. Assim, minha família tem tradição no trabalho com a agavecultura.

A proposta do professor citado foi dirigida para vários alunos graduandos em História para que estes contribuíssem com textos historiográficos para a conclusão do livro. Porém, quando li o que ele já havia escrito percebi que apenas tinha abordado o agave de uma forma, elitista, sob a perspectiva dos grandes feitos e heróis e nada tinha postado sobre a História dos trabalhadores. Estes que realmente extraíram a fibra, que tiveram o contato direto com o agave, que muitas das vezes se cortaram, machucaram e até perderam unhas, dedos puxando as fibras para sobreviver. Assim, resolvi fazer algumas entrevistas com este grupo social.

Tal trabalho foi feito em 2011, provavelmente próximo ao final do ano, não lembro a data especificamente. Entrei em campo e realizei apenas três entrevistas, só com trabalhadores, e cada vez que aprofundava mais sobre o conteúdo mais interesse despertava. As entrevistas foram apenas anotadas. Mas, como o conteúdo me interessava conversei com alguns professores da UEPB, como a professora Daniela Silveira e o professor Eltern do Vale que me indicaram alguns textos sobre história oral, logo conheci o trabalho da professora Mariângela Nunes. Aprofundei-me sobre alguns conceitos e decidi fazer a minha monografia sobre a cultura do agave no município de Caiçara.

Assim, busco contar a História do agave a partir da memória de trabalhadores que lidaram com o agave nos anos de 1945 e 1966 do século XX. Este trabalho tem por objetivo

¹ O professor Jocelino Tomaz de Lima, residente na cidade de Caiçara onde ensinava na rede municipal Geografia. Atualmente é funcionário do ministério público e é engajado em projetos educativos e voluntários. Um desse foi o que instigou esta pesquisa, que é a elaboração de um livro sobre a História do município de Caiçara.

² Neste trabalho fora adotada a ortografia “o agave” pelo fato de que os trabalhadores a conheciam dessa forma, mas agave é uma palavra feminina.

discutir as transformações do cotidiano dos desfibradores e seus desdobramentos, por exemplo como era o trabalho, a lida com a planta.³

Além das entrevistas informais, já mencionadas, utilizei também sete entrevistas semiestruturadas e gravadas com trabalhadores do agave que também foram importantes para a elaboração deste artigo. Desta forma o trabalho com a história oral fora muito relevante para esta pesquisa.

A história oral era utilizada pelos gregos para registrar os acontecimentos da época, mas só em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita ganha destaque e notoriedade. A partir daí, vão surgindo pesquisas que utilizaram as entrevistas de história de vida.

Sendo a entrevista a ferramenta essencial da História oral, foram feitas inicialmente cinco e posteriormente mais duas, utilizando a gravação do relato em áudio e vídeo. Dos entrevistados seis foram homens e uma mulher. As pessoas entrevistadas trabalharam nas mais diversas funções e um médio proprietário. Os homens foram **José Cassiano de Sousa, José Soares Filho, Luiz Gonzaga da Silva, Luiz Pedro da Silva, Raimundo Cesário da Cruz**, todos trabalhavam no desfibramento do agave, **Paulo Teixeira da Silva** como pequeno produtor e uma mulher, **Maria Zélia Soares de Almeida** que era contadora de um grande estabelecimento produtor de agave.

As entrevistas foram orientadas por várias questões que norteiam a pesquisa, como os aspectos físicos da planta, o cotidiano dos trabalhadores, a exemplo da alimentação, dos acidentes de trabalho e outros. O recurso de entrevista:

... permite o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de 'histórias dentro de história', que, dependendo de seu alcance e dimensão, permitem alterar a 'hierarquia de significações historiográficas'... (ALBERTI, 2006, p. 166)

Sendo a história oral fonte para o estudo do presente e que possibilita a recriação do passado, ela traz consigo uma história, não a verdade absoluta ou um resultado legítimo, nem tão pouco "um 'retrato' do passado". Mas, uma história individual que se encaixa na História coletiva (ALBERTI: 2006, 170). Porém, é preciso estar atento para não cometer equívocos, pois as fontes orais, "como todas as fontes, necessita de interpretação e análise" (ALBERTI: 2006, 158).

³ Chamo os trabalhadores envolvidos no processo de desfibramento das folhas de agave de desfibradores ou trabalhadores do motor. Esta última expressão é a forma como eles próprios se autodenominavam.

Ao mesmo tempo, a história oral tem a capacidade de contestar o que foi posto pela memória coletiva, pois pensar na memória individual é pensar numa “história dos excluídos” e “dominados”. Afinal, a memória coletiva ou oficial usa de mecanismos para que o indivíduo “esqueça” o que é preciso e (re)lembre o que é necessário a conduzi-lo a coletividade, a um sentimento de unidade(POLLAK, 1986). Então, “cabe ao pesquisador estar atento ao fato de significados atribuídos a ações e escolhas do passado serem determinados por uma visão retrospectiva que confere sentido as experiências no momento em que são narradas” (ALBERTI: 2006, 170), bem como que tipo de pessoa será entrevistada.

Com o auxílio de algumas perguntas, como foi exposto acima, as entrevistas ocorreram de certa maneira em forma de “diálogo aberto”, pois além de responderem os entrevistados podiam expor mais o que desejassem sobre o tema abordado. Para os primeiros cinco entrevistados foi usado o mesmo questionário. Ao conhecer mais sobre o tema acrescentei algumas outras perguntas às duas últimas entrevistas. Entrevistei trabalhadores que estavam dispostos a falar sobre sua experiência. Sendo usado questões muito semelhantes para todos os entrevistados, que em sua maioria faziam parte do mesmo grupo social, entretanto, surgiram “outras histórias dentro da história”, possibilitando fazer outras indagações(ALBERTI: 2006, 155).

As entrevistas ocorreram todas nas residências dos trabalhadores, umas dentro de casa outras em frente à casa, umas no sítio e outras na cidade onde residiam. Além disso, foram feitas em dias diferentes, pois não fora possível fazer em um único dia. Inicialmente começava com uma conversa informal e para saber se a pessoa vivenciou aquele período e se aceitava ser entrevistado com gravação e depois caso a pessoa concordasse procedia com a assinatura da carta de cessão. Como todos os entrevistados eram conhecidos e geralmente eram apontados por outros trabalhadores do agave, fora de certa maneira, fácil conseguir indivíduos que conhecessem o tema em estudo e dispostos a dar seu testemunho.

Portanto, esta monografia enfoca aspectos relacionados à cultura dos trabalhadores, as suas experiências cotidianas e seus fazeres, ou seja, é uma História de inclusão, de novos atores sociais, de pessoas “comuns”, buscando ressaltar a trajetória desses trabalhadores rurais de Caiçara que vivenciaram experiências em uma nova cultura do trabalho. “uma História de baixo para cima”(HOBSBAWN: 1998, 216) que conseqüentemente dialoga com a História Social. Nesta perspectiva, a proposta deste trabalho será uma história oral, abordando a cultura do agave em Caiçara-PB. Além das fontes orais, o livro de Costa(1990) fora de grande utilidade na construção deste trabalho, pois sendo a única fonte escrita que discorre sobre a história de Caiçara-PB, possibilitou conhecer mais sobre este município e conseqüentemente

sobre o período da cultura agaveeira. Ademais, fora relevante o texto de Mariângela Nunes, embora referindo-se a cultura do trabalho com o agave no Cariris Velhos.

Assim, trabalhar a cultura agaveeira trouxe a tona memórias, pedaços de vivências dos entrevistados, mas também uma história da qual eu faço parte indiretamente devido aos meus antepassados. Possibilitou-me ainda conhecer um pouco da história de Caiçara. Uma História das pessoas comuns, de memórias silenciadas e ofuscadas pela História oficial.

Neste trabalho busco estudar o período compreendido entre os anos de 1945 a 1966, pois este fora o momento de auge da cultura agaveira no município de Caiçara.

CAPÍTULO I - DAS ORIGENS DO AGAVE À IMPLANTAÇÃO NO MUNICÍPIO DE CAIÇARA

1.1 A chegada do agave na Paraíba

Para compreendermos como se deu a cultura do agave no município de Caiçara é preciso “voltarmos no tempo” para reconhecer o contexto em que essa cultura foi introduzida no Nordeste e especialmente nesta região.

Desde o século XIX a Paraíba estava em crise econômica. O açúcar do Nordeste da Paraíba que por muitos anos fora a maior riqueza da região, foi substituído pelo açúcar de beterraba produzido da América Central e, logo depois veio a crise do algodão que fora a segunda cultura econômica da Paraíba, perdendo mercados após o fim da Guerra de Secessão (1861-1865) para Estados Unidos. Além disso, outros fatores também contribuíram para a decadência do Estado como a “escravidão”, os fatores climáticos que de certa maneira assolava a região Nordeste. E é nessa conjuntura de atrofiamento econômico que por volta da década de 1920 do século XX, surgira a cultura do agave, como “uma alternativa de movimentação econômica, geração de emprego, renda e sustentabilidade para muitos espaços do território nordestino”(MIRANDA: 2011, 2).

Nas primeiras décadas do século XX, o Nordeste empreendeu com o sudeste acordos comerciais, exportando açúcar e algodão. Mas a crise de 1929 afetou profundamente a economia nordestina, tanto devido ao cenário internacional quanto nacional. A região do Centro-Sul sem mercados para vender o café que era a maior produção de riqueza regional, passou a investir nas lavouras de algodão e açúcar, para atender as demandas do mercado, em

prejuízo às culturas do Nordeste. E assim o Nordeste mais uma vez entrou em colapso econômico.

A partir de 1940, a Paraíba acabou perdendo a posição de grande produtora de algodão para o Ceará. Mesmo assim continuou a cultivar essa cultura, agora paralelamente com uma nova cultura: o agave, que não tinha tanta importância até o presente momento no cenário nacional, porém começava a se destacar no Nordeste, principalmente com os investimentos das grandes multinacionais: Anderson Clayton e Cia e a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro/SAMBRA S/A que antes difundiam a cultura do algodão.

E assim começa a surgir na Paraíba a cultura agaveira como afirma Mariângela Nunes:

Foi neste contexto de crises, que, no final dos anos 30, o sisal começou a ser cultivado na Paraíba com fins comerciais, embora ainda sem adquirir relevância na economia paraibana. A maior projeção só surgiu nos anos 40, quando o sisal foi, cultivado sobretudo nas áreas brejosas do Estado [...]. (NUNES: 1996, 39)

1.2 As origens do agave

De origem mexicana, há controvérsias quanto à chegada do agave no Brasil. Entretanto, segundo Sérgio Lepcht, citado por Nunes, a planta chegou por volta de 1906, sendo cultivada inicialmente em São Paulo. Mas, devido ao favorecimento do café e ao clima essa planta teria deslocado para as regiões do Nordeste. Com esse mesmo pensamento Marta Lúcia Sousa citada por Miranda(2011), aponta que a agave “a priori foi cultivada em terras ao sul do país e, mais tarde, direcionada para solos menos férteis, sob o clima seco do Nordeste do Brasil”. Além disso, outros autores, a exemplo de Nonato Marques(1978) afirmam que teria chegado diretamente para o Nordeste, especificamente no Estado da Bahia em 1903.

Apesar da falta de consenso entre alguns autores sobre a introdução do agave, é bom ressaltar que tal cultura foi introduzida no Nordeste no século XX.

Na Paraíba também autores trazem várias versões quanto ao pioneirismo da cultura. Alguns afirmam que era conhecido desde 1911, outros datam seu surgimento no início dos anos 20 do século XX, a exemplo de Severino Ismael da Costa em sua obra “Caiçara: ... caminhos de almocreves...” expondo que o pioneirismo tinha partido de iniciativa particular na pessoa de Adroaldo Arruda que teria introduzido as primeiras mudas em suas terras.

Quem introduziu o cultivo do sisal em Caiçara foi o fazendeiro Adroaldo Arruda Alcoforado, morador na vila de Sertãozinho. Possuidor de extenso latifúndio que se estendia aos municípios de Caiçara a Guarabira. [...] disse-me que no início dos anos 20 começou a plantar o sisal. (COSTA, 1990, p. 185)

Com esse mesmo ponto de vista, Miranda se utiliza da fala de Sousa(1987) e Dantas(1994), afirmando,

Em uma reportagem publicada na revista: O Cruzeiro por José Leal foi possível constatar uma nova versão referente à introdução do agave no Brasil e possivelmente na Paraíba. Segundo o autor, a chegada da planta ao Brasil ocorreu nos primórdios do século XX, através de um proprietário de terras do interior da Paraíba chamado Aristides Madeira, o qual classificava as mudas como “planta ornamental”. Tendo como referência o citado artigo, o sisal teria sido plantado inicialmente em solo paraibano por Adroaldo Guedes em sua fazenda no município de Caiçara ao fazer uso de mudas que recebera de Aristides Madeira. (MIRANDA, 2011, p. 7)

Além do mais, ainda expõe alegando que, “Adroaldo Guedes transformou-se no primeiro produtor e no maior difusor da cultura no Estado da Paraíba”(MIRANDA: 2011, 7).

É importante ressaltar que tanto Costa quanto Miranda estão falando do mesmo assunto, das mesmas pessoas, mas percebam que os sobrenomes de quem as introduziu na Paraíba e de quem a começou a cultivar estão diferenciados: Adroaldo Arruda para Costa e Adroaldo Guedes na citação de Miranda, da mesma forma é Aristides Carneiro e Aristides Madeira. Porém, ambos os textos se referem a mesma pessoa.

Nesse contexto, por volta de 1940, o estado da Paraíba agora produzindo o sisal com fins comerciais, juntamente com outros estados ganha tamanha importância que leva a Paraíba “a condição de maior produtor do Brasil”(COSTA: 1990, 186) nos anos 60 a 70, ganhando mercados internacionais.

As tabelas abaixo apresentam a produção mundial de agave e a conseqüente ascensão da cultura no Brasil.

Tabela 1: Produção mundial de agave – 1948-1952

PAÍSES	TONELADAS
TANGANICA	137.000
MÉXICO	110.000
BRASIL	44.0000
QUÊNIA	30.000
HAITI	28.000
ANGOLA	21.000

MOÇAMBIQUE	19.000
CUBA	15.000
FILIPINAS	3.000

Fonte: PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

Tabela 2: Produção brasileira de agave – 1949.

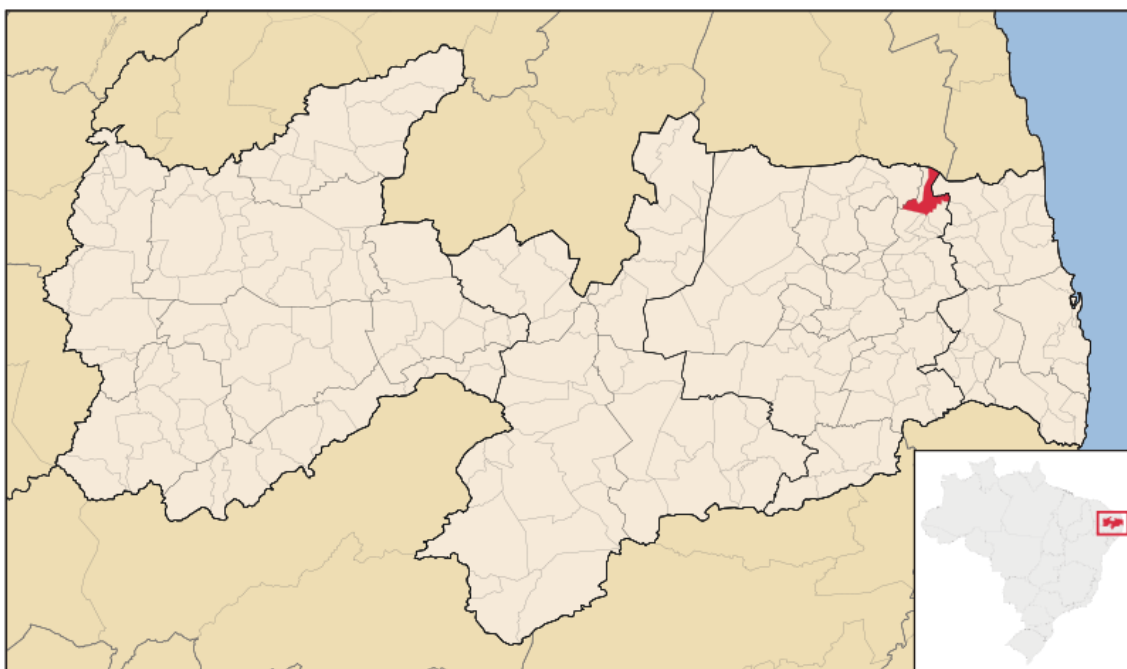
ESTADOS	TONELADAS
PARAÍBA	19.066
BAHIA	959
RIO GRANDE DO NORTE	655
PERNAMBUCO	138
SÃO PAULO	119
SERGIPE	24

Fonte: PINTO, Maria Novais. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v.31, n.3, p.3-102, jul/set.1969.

Nas tabelas o Brasil entre os anos de 1948 a 1952 ganhou grande destaque no cenário mundial conquistando o terceiro lugar em produção de sisal, especial com a contribuição do Estado da Paraíba. A partir dos anos de 1940, então, os espaços rurais na Paraíba, começam a ser transformados num processo de “construção e desconstrução”, com a instalação dos agaviais e declínio das culturas de subsistência (milho, feijão e algodão) que são colocadas em segundo plano e o agave ganha destaque neste contexto. Inicialmente, nos anos 30 do século passado, poucos fazendeiros plantavam o agave, a exemplo de Aristides Carneiro de Moraes, pioneiro e, logo depois Adroaldo Guedes Alcanforado que possuíam grande extensão de terra plantada com agave, no atual município de Sertãozinho. Seu Adroaldo começara a fabricar cordas e depois a vender mudas de agave, incentivador dessa cultura, dando início a novos tempos econômicos a cidade caiçarense. “O sucesso do sisal, de que a Paraíba se tornou o principal produtor nos anos quarenta e parte dos anos cinquenta, beneficiou o agreste, o brejo e o Curimataú, [...]”(MELLO; 2002, 245) e ainda segundo Moreira, “a sua exploração comercial em larga escala é posterior à segunda Grande Guerra”(MOREIRA; 1990,

disponível em http://www.ndihr.ufpb.br/programa/processo_de_ocupacao.html, pesquisa em janeiro de 2014).

É nesse contexto que o agave chega a Caiçara, município este que possuía no período uma grande extensão territorial que ia desde a divisa do estado do Rio Grande do Norte a o município de Guarabira, que compreendia o território dos atuais municípios: Belém, Sertãozinho, Duas Estradas, Serra da Raiz, Lagoa de Dentro e Logradouro. No começo, como forma de ornamentação – nos canteiros das casas, ruas e nos cercados, mas depois com o movimento da economia, ganhou importância e espaço nas terras caiçarenses, chegando a ser plantado em grandes quantidades e em quase todo o seu município. Abaixo podemos ver o mapa atual da cidade de Caiçara.



http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Paraiba_Municip_Caicara.svg

Foi tão expressiva que nos arredores da cidade só se via a planta. Isso só fora possível devido,

A conjuntura externa favorável (altos preços e demanda) além das condições ecológicas propícias, permitiram a sua rápida expansão na região. O sisal disputou terras ao algodão, à cana, às culturas de subsistência e a pecuária, bem como determinou a efetiva ocupação de novas áreas do Agreste. (MOREIRA, 1990, disponível em http://www.ndihr.ufpb.br/programa/processo_de_ocupacao.html)

Assim, o sisal ganhou os territórios da Paraíba e de forma mais ampla no nordeste, ficando conhecida também como agave. Duas espécies botanicamente denominadas de

henequém e agave sisalina, conhecidas popularmente como agave branco e agave preto foram cultivados na região em estudo. Mas, a agave sisalina ganhou mais destaque devido a demanda no mercado internacional. Este era “*mais fibrosa*” e possuía apenas um espinho na ponta da folha e seu tamanho era menor. Já o branco tinha vários espinhos no contorno da folha. Todos os trabalhadores entrevistados disseram que preferiam trabalhar com o preto, isto é, com o agave sisalina:

*O branco tinha que tirar aquela auréola todinha de um lado e do outro e é mais complicado pá puxar porque era mais pesado, não a fibra a folha, não era todo motor que aguentava puxar agave branco não. Precisava ser um motor potente mode aguentar.*⁴

Dona Zélia também se posiciona dizendo que “*o preto é mais fácil de lidar do que o branco porque o branco tem mais espinhos e mais difícil, furam mais eles se queixavam muito de corte, de espinhos, de furar*”⁵. Enfim, percebe-se que na região o agave preto provocava menos acidentes nos trabalhadores. Porém, não fora a sua vontade que decidia qual seria escolhido e sim a demanda do mercado internacional que apontava para o agave sisalina (como mostra a imagem a baixo), para a sorte dos trabalhadores, pois este também é era mais resistente e produtivo.

⁴ José Cassiano de Sousa, entrevista ao autor, em Caiçara-PB, em agosto de 2013. Neste trabalho o chamo pelo Seu Dú, apelido que o tornou conhecido em toda região pesquisada. Seu Dú desde os 11 anos de idade que iniciou a trabalhar com o agave, passando por varias funções nesta atividade, desde o plantar das bubinas de agave ao lavar das fibras. Hoje aos 80 anos de idade é aposentado e reside no município de Caiçara.

⁵ Maria Zélia Soares de Almeida, entrevistada no sítio Limeira Belém-PB em agosto de 2013. Atualmente é aposentada como professora da rede municipal e estadual. No período em estudo seu pai era o vaqueiro da fazenda e ela não chegou a trabalhar diretamente no agave, apenas prestava o serviço de “contadora”, pois era a pessoa responsável para fazer o pagamento dos trabalhadores, onde todo o final de semana tinha tal tarefa. Porém, não possuía formação acadêmica de contabilidade.



Fonte: Wishmaster [online] disponível em www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?partigo=bi inseticida-sera-produzido-bahia-partir-sisal&id=020175090721 (agave sisalina popularmente conhecida como agave preto)



Fonte: CNPA – Embrapa [online] disponível em www.calilanoticias.com (henequém ou agave branco como era conhecida pelos trabalhadores).

CAPITULO II – O COTIDIANO DO TRABALHADOR NO MOTOR DE AGAVE

2.1 Das máquinas manuais as desfibradoras móveis

A máquina de mão ou alicate como era conhecida foi o primeiro tipo de instrumento que surgiu para desfibrar o agave. Este era um artefato de base fixa movida a força humana e que foi substituído aos poucos pela máquina a motor.

Para o trabalho com máquina de mão muitas vezes a folha era dividida em quatro pedaços. O Seu Humberto descreve como era a máquina a mão e como era utilizada,

É que nem um facão. Um em cima e outro em baixo. Quando o caba ia botar a folha, a de baixo abria... quando eles pisava ela abria só fazia soltar e puxar. [...] No final... no final da lamina tinha uma borracha que ligava a um pau onde o cara pisava...

Neste sentido, era como duas navalhas que se abria com a ação do pé do puxador que flexionava para abrir e que fechava ao soltar o pé pela força de uma borracha ou da pedra que era amarrada a navalha. Comumente, quando usavam estas máquinas os trabalhadores desfibravam o agave tanto para eles mesmos como para os proprietários. Posteriormente, nos

anos de 1940 foram instaladas as primeiras máquinas fixas⁶. Estas comumente ficavam próximas a casa grande e mais afastada dos agaviais, e pertencem exclusivamente aos grandes e médios proprietários.

Na década de 50 começaram a ser difundidas as máquinas móveis que se distanciavam da casa da fazenda e se aproximavam do campo de agave, promovendo um aumento na produção. Embora, as máquinas grandes empregassem individualmente um número maior de pessoas, as máquinas móveis eram mais baratas e se espalharam mais rapidamente, absorvendo provavelmente mais trabalhadores. Em regra geral, cada máquina de base fixa empregava cerca de 20 pessoas, enquanto a pequena empregava aproximadamente 10 pessoas. Ambas em sua maioria empregavam homens. Poucas mulheres trabalhavam na agaveicultura, quase sempre nas funções de lavadeira ou amarradeira de fibras.

A introdução da máquina a motor fixa e móvel facilitou o trabalho, aumentou a produção e trouxe também mais riscos aos trabalhadores que tinham que se adaptar com mecanismos mais rápidos, tinha que seguir o ritmo da máquina. Além disso, aumentou a vigilância sobre os trabalhadores, surgiram também outros personagens como o responsável pelo óleo⁷, o responsável por por água para o motor funcionar⁸ e o virador, cuja função era policiar os trabalhadores, evitando o desperdício de tempo (NUNES, 2006).

Com o motor móvel muitos trabalhadores já não se alimentavam, ou dormiam em sua casa, retornando para estas casas apenas nos finais de semana. Ficando geralmente nas dependências, em um armazém, por exemplo, da propriedade dos produtores. Como é o caso do Sr. Massau que ao lado de sua casa tinha um armazém para que os trabalhadores os ocupassem enquanto tivessem trabalhando como lembrou Seu Humberto. Sr. Massau era um antigo dono do motor, que usava as instalações da fazenda onde ele morava. Os seus trabalhadores vinham de longe, de cidades ou regiões vizinhas e não havia transporte disponível para que estes voltassem todos os dias para suas casas.

Em 1960 tornou-se frequente a figura do dono do motor, homens que possuíam apenas o motor (NUNES, 2006). Dessa forma, os trabalhadores do desfibramento passavam a ser assunto também dos donos dos motores. Esses não possuíam campos de agave, compravam

⁶ Popularmente conhecidas como máquina a motor pela população local, tanto as desfibradeiras fixa como a móvel.

⁷ Este geralmente era o encarregado da fazenda, uma pessoa de confiança do patrão que era delegado para comprar o óleo no posto de gasolina da cidade e trazer para funcionar o motor. Este também poderia ser o responsável por virar o motor.

⁸ Como não era um trabalho rotineiro, a água poderia ser posta pelos cambiterios no lombo dos jumentos ou então era pago uma pessoa para encher o tanque do motor. Após o tanque cheio demorava muito tempo para novamente encher, pois aquela água ficava passando de um tanque para outro sendo constantemente reutilizada.

aos produtores, o campo na folha. Era feita uma espécie de contrato ou mesmo acordo verbal. O pagamento para todos os trabalhadores era feito semanalmente com base na produção.

2.2 O trabalho no roçado e no agave

A vida dos trabalhadores não era fácil, pois seu trabalho requeria muito esforço físico, resistência e atenção, principalmente daqueles que trabalhavam mais próximos aos motores, como ficaram conhecidas as tais máquinas. Estes homens trabalhavam aproximadamente 12 horas diárias, começava geralmente das 05:00 da madrugada às 17:00, ocorrendo algumas exceções, pois não havia uma jornada de trabalho pré-estabelecida. E nos dias que passavam do expediente normal chegavam até 10:00, 11:00 horas da noite, por exemplo. Mas isso era relativo, pois os cortadores e os cambiterios às vezes tinham que chegar mais cedo para quando os demais trabalhadores chegassem as folhas de agave estivessem cortadas e estacionadas junto aos motores.

Em algumas fazendas⁹ trabalhavam normalmente cinco dias por semanas. Entretanto, está jornada semanal variava um pouco podendo ser mais longa ou mais curta. Dependia de cada estabelecimento e também da necessidade dos trabalhadores, afinal, eles ganhavam por produção. Para o trabalho na agavecultura os trabalhadores tanto eram seduzidos pela possibilidade de ganhar mais dinheiro ou também eram pressionados pelos proprietários(NUNES, 2006). Sobre essa obrigação do trabalho com o agave o Seu Luiz disse o seguinte: *“foram trabalhar com o agave porque era de obrigação, o patrão obrigava a trabalhar com o agave”*¹⁰. Portanto, em parte esta categoria fora “empurrada” para o trabalho no motor de agave por seus patrões, pois tal categoria era extremamente dependente e comumente composta por homens sem terras que moravam nas terras dos proprietários donos

⁹ O termo fazenda utilizado neste trabalho remete a ideia de propriedade produtora de agave onde ocorria o trabalho com o agave e paralelamente a criação de gado que era um complemento econômico das grandes fazendas.

¹⁰ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014. Popularmente conhecido como “Luiz Doutor”, apelido herdado do pai. As pessoas da região que diziam com o pai do entrevistado, Sr. José era conhecido como “Doutor”, e assim esse apelido passou do pai para os filhos. Desta forma, todos os filhos do Sr. José herdaram tal apelido. O interessante é que ele não tinha instrução escolar alguma, nem tão pouco o entrevistado. Entretanto, Dr. remete a uma pessoa que possui o grau de Doutor ou popularmente, na região ainda é chamado de doutor as pessoas que tem status que comumente é conferido pela posição sócio-cultural vinculada quase sempre a terra, cargos políticos ou ainda pessoas que tem o título de advogado, médico, os jornalistas e outros que possuem uma cultura letrada.

de motores ou moravam nas cidades próximas e por pequenos proprietários que não conseguiam manter-se apenas com sua propriedade.

Contudo, também devido a monetarização que o agave provocava esses homens deixarem suas lavouras em segundo plano. E então, em vez de plantar os grãos e esperá-los crescer, foram ludibriados pela ideia de ganhar dinheiro rápido e certo, confiando que podiam melhorar de vida. Segundo Nunes, esses elementos que apontavam para a prosperidade dos produtores foram alardeados pelos jornais da época e se espalhava de boca a boca chegando também nos locais onde se encontravam os lavradores, fosse através de técnicos agrícolas, prefeitos locais e até dos grandes produtores(NUNES; 2006, 126).

Nesta perspectiva, a partir de 1940 os lavradores dividiam seus afazeres entre o roçado e o trabalho com o agave. Portanto, o agave se tornara o grande carro mestre da economia caiçarense durante muitos anos, todavia paralelamente a essa cultura tinham as plantações de cereais – milho, feijão e fava principalmente. Então, os trabalhadores tinham que se revezar durante o ano nessas duas funções. Ora no agave, ora nos roçados. Na maioria das fazendas, no período do inverno o desfibramento diminuía devido às chuvas, que deixavam as folhas do agave duras e rígidas exigindo mais força e paciência. E nesse momento chuvoso a produção se voltava para os roçados, como disse o Sr. Humberto, os trabalhadores do agave *“ficavam meio assim, meio ronzero, achando rim, querendo ir trabalhar no seu roçado”*¹¹. Nesse período de chuvas as faltas no motor de agave eram mais frequentes um ou outro trabalhador faltava, pois achavam de certa maneira mais importante ir cuidar de suas lavouras. Porém, quando o patrão mandava chamar para o trabalho no agave os trabalhadores abandonavam seus roçados, muitas vezes até chegava a perder suas lavouras para não faltar com o proprietário. Aqueles temiam represálias de seus patrões. Seu Luiz fala um pouco sobre este fato: *“aconteceu de a pessoa trabalhar na lavoura e aconteceu de perder a parte do roçado né, quer dizer trabalhar na lavoura e ser obrigado a trabalhar no agave e peder a fatura do roçado”* e em outro momento ele esclarece melhor:

¹¹ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013. Atualmente possui 67 anos de idade e é conhecido na região por Sr. Humberto – este é o seu nome de batismo, mas no momento do registro feito por terceiros estes acabaram confundindo-se e errando seu nome. Desde sempre, ele morou no sítio onde foi entrevistado. Parte do qual foi desmembrado e que pertencia a fazenda Massaranduba, herdado do seu falecido pai. No período agaveiro fora uma região coberta por essa cultura. Segundo ele desde garoto sempre teve contato com o trabalho do agave, pois seu pai era o vaqueiro da fazenda e ele e irmãos trabalhavam efetivamente no processo do desfibramento, chegando a trabalhar como amarrador de fibras, bagaceiro e lavador.

“... eu perdi feijão em ordem de colher com seu avô, Deus bote num bom lugar, cumpadre Luiz o agave é pa puxar o agave hoje na segunda-feira e o feijão em ordi de sair, perdi o feijão e num pude atender”. Castigava”... o que podia fazer, qualquer irazinha eles tumava uma rixa do cara e ficava dando na papada do cara. é quando o cara falava alguma coisa ele ficava com arrudei, num dava certo, lavai, num sei que..., munta coisa ”¹².

Além dos trabalhadores trabalharem em seus roçados, tinham também que trabalhar dois dias no eito¹³ por semana no roçado do proprietário da terra. Isso ocorria em algumas fazendas, geralmente as grandes propriedades, a exemplo da fazenda Massaranduba, por exemplo. Assim diz os senhores Humberto e Luiz.

Para os lavradores o trabalho nos seus roçados era mais agradável do que trabalhar na agavecultura, já que tinham tempo para uma prosa e o horário era estabelecido pelos lavradores. Ademais, eles eram o “dono de sua produção”. Já na cultura do agave os horários eram mais rígidos e deviam ser cumpridos disciplinarmente não permitindo desvios de distração, bem como era um trabalho em cadeia e especializado, uma função dependia da outra. Em relação às lavouras e o agave, Moreira(1990) destaca a sobre posição do agave sob as culturas de subsistência.

...a exploração sisaleira implicou na relocação dos recursos e fortalecimento do assalariamento. Em virtude dos altos preços alcançados pelo produto, os proprietários ampliaram rapidamente os seus campos de agave. Como este não podia ser cultivado em associação com outras culturas, a não ser nos primeiros anos de plantio, a sua expansão determinou uma retração das culturas de subsistência bem como da cultura do algodão e até mesmo da pecuária (apesar do bagaço do sisal servir como ração). Houve, portanto uma conquista de terras às outras culturas por parte do sisal. Na medida em que este passou a ocupar terras antes dedicadas às culturas de subsistência, contribuiu de um outro lado, para aumento das formas assalariadas de trabalho. Com efeito, via de regra, a exploração do agave é efetuada com mão-de-obra assalariada que é remunerada pela produção realizada. (MOREIRA, 1990)

Em meio à cultura agaveira e as lavouras de subsistência, paralela tinham também a pecuária – na maioria criação de gado, pois os grandes proprietários tinham seu rebanho. Segundo Seu Humberto, muitas vezes aconteciam de o gado pastar dentro das plantações de agave. E quando perguntei se o rebanho não comiam as plantas ele afirmou que não, só quando não tinham capim no cercado devido a seca, por exemplo, comendo “*a fiação nova*”¹⁴ ou os filhotes da planta. O entrevistado afirmou que “*o gado ficava com o bucho assim, com*

¹² Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

¹³ O “eito” era uma obrigação dos trabalhadores que moravam na propriedade de um senhor dono da terra. Assim, geralmente o trabalhador tinha que trabalhar no roçado do patrão de graça, sem receber por este trabalho.

¹⁴ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

o bucho istourando”¹⁵ com bagaço do agave, uma vez que toda a tarde os animais se alimentavam do agave.

2.3 As funções no trabalho agaveeiro

No trabalho mecânico, seja na máquina de base fixa ou móvel cada trabalhador tinha uma função especializada, dentre elas estão a do cortador, cambiteiro, puxador, bagaceiro e lavador. Todas eram interdependes e tinha um único objetivo que seria a produção de fibras. E com base na produção eram pagos todos os salários. Desta forma, eles ganhavam por produção.

2.3.1 O cortador

O corte das folhas ocorria no começo de todo o processo de trabalho. Os cortadores muitas vezes acordavam pela madrugada para ir aos campos de agave. Como seu trabalho sempre principiava todas as outras funções, o cortador sempre começava na segunda feira para que na terça o desfibramento propriamente dito fosse executado e principalmente para que não fosse interrompido o processo pela falta da folha do agave.

O trabalho se dava dentro dos campos de agave. O papel deste trabalhador era cortar as folhas do pé de agave, retirar os espinhos e pô-las no meio das fileiras de agave empilhando umas sobre as outras. Para esta função, segundo o Seu Humberto, era usado um facão maneiro e fino, de pequeno tamanho para melhor manuseá-lo e que proporcionasse maior agilidade no corte. Isso ocorria sem nenhuma roupa adequada ou qualquer proteção, a exemplo da imagem abaixo que mostra as vestimentas do trabalhador. Estas não oferecem nenhuma proteção, por exemplo, as furadas provocadas pelos espinhos na ponta das folhas.

¹⁵ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.



<http://www.globalgoods.com/manufacturingagavenectar.html>

Segundo o Seu Humberto, tinha casos em que o cortador cortava as folhas do agave com todo o mato existente, desde o início do inverno, pois o proprietário não tinha limpados os agaviais. Obviamente o corte se demorava mais e era mais trabalhoso, pois tinha que algumas vezes cortar os pés de “amorosas”¹⁶ para conseguir chegar ao pé do agave.

Esta função como as demais necessitava de atenção e cuidado para que o facão não atingisse as mãos ou escapulisse dela. Era repetitivo e desgastante o movimento feito a todo o momento pelo cortador que fazia durante todo o dia aquela mesma deslocção com o instrumento de corte. E essa era a labuta do cortador de segunda a sábado nos campos de agave.

2.3.2 O cambiteiro

O trabalho do cambiteiro consistia em pegar as folhas de agave do campo e levar até onde se encontrava a máquina de desfibramento. Essa função possui esse nome devido o trabalhador transportar as folhas de agave nos cambitos, em lombos de animais. Mas, nem sempre o transporte das folhas ocorria nas costas de animais. Pois, em alguns casos os próprios cambiteiros as transportavam.

¹⁶ Amorosas: é a denominação popular de um tipo de árvore comum na área estudada que possui espeto em todo o seu caule.

O cambiteiro começava juntando, organizando e fazendo feixes com as folhas do agave que eram presas por uma folha de agave, sem nenhuma amarração fixa e/ou segura para colocar nos cambitos. Com o manejo e a experiência do dia a dia fazia aquela ação sem deixar cair as folhas. Após encher os cambitos eram prendidas as folhas com cordas feitas do agave e levadas no lombo de jumentos e mulas até o motor, esse era o meio de transporte muito usado pela população na época (jumento de carga com cangalha e cambitos), a abaixo a imagem mostra um exemplo típico do instrumento dos cambiteiros.



Disponível em http://br.geoview.info/meio_de_trasporte_muio_usado_pelo_sertanejo_jumento_de_carga_com_cangalha_e_cambitos,50206103p#s acesso em janeiro de 2014.

Durante o caminho esses animais sofriam várias agressões como pauladas, chicotadas cutucadas e furadas ou as chamadas de “pisas”, diz Seu Humberto, por parte dos cambiteiros que queriam que andassem cada vez mais rápido para abastecerem o motor.

O trabalho de cambiteiro também começava na segunda feira, assim como de cortador, pois uma função é a sequência da outra. Da mesma forma que o número de cortadores era também o número de cambiteiros, pois para cada cortador um cambiteiro, comumente eram duas para cada função.

Quando o motor móvel fora introduzido, em meados dos anos de 1950 as folhas passaram a ser carregadas nas costas ou cabeças do próprio cambiteiro, pois estavam mais

próximas do motor. Porém, mesmo próxima o trabalho era cansativo e pesado, afinal dava várias idas e vindas transportando os feixes das folhas de agave do campo para o local onde estava o motor. “... *tinha delis que carregava até nas costas quando era perto*”¹⁷, disse Seu Luiz.

2.3.3 O puxador

O puxador era a principal função do trabalho com o agave. Este transformava as folhas em fibras, bem como era mais desgastante e cansativo e perigoso. Seu trabalho constituía em por as folhas na máquina e puxar, frequentemente de terça a sábado, mas quando “ficava a sobra do sábado, aí começava logo na segunda”.

Esse trabalho exigia muita habilidade e agilidade do trabalhador. Seu Luiz explica sobre esse movimento de rapidez dos puxadores embalados pela máquina desfibradora:

... É violência. Porque quando boto aqui e tiro, já outro é pra tá... já pra virá a ponta. Aí já pega, já vem outro atraí. É preciso violência nas mão, se num tiver violência nem entre lá. E exigi do puxador. Eu num dei pra puxar porque a violência era pouca nas mão né.

Isso ocorria principalmente com as máquinas as mecânicas que exigiam mais do trabalhador e por isso era exercida por dois puxadores para cada máquina. Geralmente eram dois puxadores para cada máquina, cada um fazia sozinho o desfibramento da folha: enquanto um pegava a folha para por na máquina, o outro já estava com a folha dentro da máquina e vice-versa. Ou seja, colocando e virando a folha do agave.

Com a máquina de mão o trabalho era mais demorado e ainda mais árduo, pois o trabalhador tinha que prender na navalha a folha para que ela fosse puxada pelo próprio, exigindo mais força e desgaste físico.

Neste sentido, nas máquinas manuais ou mecânicas os puxadores ficavam o tempo todo em pé pegando as folhas que estavam em cima de um banco. Trabalho que merecia atenção, pois estes podiam perder suas mãos e dedos nas navalhas do motor. Na imagem abaixo podemos ver um puxador e um bagaceiro, trabalhando em suas funções atualmente, que era realizada basicamente da mesma forma no período em estudo. E neste sentido, podem-se perceber as condições de trabalho, em meio ao campo com uma cobertura de palha

¹⁷ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

possivelmente de coco, as folhas postas em um local improvisado, assim como o motor; e a falta de proteção de ambos os trabalhadores – roupas e calçados inadequados.



http://www.agenciasebrae.com.brimagens_int_zoom.kmfcod=110938

Mesmo com todo o risco, o trabalho de puxador era o mais desejado e cobiçado pelos trabalhadores, mas não era qualquer um que podia exercer a função, pois teria que ser habilidoso e ágil, ao mesmo tempo, que proporcionava maior renda. Por outro lado representava maior perigo e cansaço, diz a Historiadora Nunes acerca de sua pesquisa nos Cariris Velhos. Era o cargo que todo trabalhador do agave aspirava, pois era digno de um respeito, admiração, ostentação e superioridade pelo fato de que não era qualquer um que conseguia dominar a máquina ou ter a coragem de enfrentá-la pelos riscos que ela proporcionava ao indivíduo que os manuseia. E no município de Caiçara não foi diferente em relação ao puxador. Estas especificidades ou atributos de certa maneira preocupavam muito os patrões, pois quando o puxador faltava, não era fácil substituí-lo.

Seu Luiz relata um caso de um puxador conhecido por Olegário que ficou bêbado e quebrou a perna e mesmo nesta situação puxava folha de agave.

...mai Olegário com a perna quebrada numa cadeira dessa butava o agave quando acabá fazia assim e puxava. Já vi sofrimento viu. [...] Aí ele tomou umas cachaças quebrou a perna... ele butava aqui o pé, abria a boca da máquina, aí butava a foia quando acabar fazia assim... a cadeira era... teu pai tinha uma, teu avô... aí botava e balançava assim e puxava o agave. Era um aperrei majô, era fogo.

Seu Olegário exercia a função da puxada, extremamente perigosa, numa cadeira de balanço, uma vez que não tinha mais os movimentos da perna. Isto mostra pobreza, a falta de assistência ao trabalhador do agave e que mesmo em algumas situações como a descrita acima permaneciam trabalhando. Felizmente o senhor Olegário possuía um motor móvel, caso contrario teria ficado desempregado, pois nenhum proprietário o contrataria para trabalhar.

Após o desfibramento a produção era pesada para que fossem feitas as contas dos trabalhadores.

2.3.4 O bagaceiro

O bagaceiro era o trabalhador que retirava o bagaço, o que sobrava da folha do agave após o desfibramento. Além disso, auxiliava o puxador, colocando as folhas no banco, local onde eles eram postos para agilizar o trabalho deste.

O trabalho do bagaceiro aparentemente se mostrava o mais fácil e menos desgastante. Entretanto, estava em contato com o sumo do agave que provocava doenças como a coceira e os cortes, devido o contato direto com o corpo totalmente desprotegido. Os trabalhadores usavam apenas uma pá, para colocar o bagaço do agave em um carrinho de mão e depois jogá-lo no cercado próximo ao local de trabalho. O bagaço servia de fonte de alimentação para o gado, principalmente no período da seca.

2.3.5 O lavador de fibras

Após o desfibramento as fibras eram levadas para o local onde ficaria de molho em água para tirar todo o excesso que existisse da casca verde ou pigmento verde e depois seria secado ao sol. Estas tarefas eram realizadas pelos lavadores.

O trabalho do lavador era feito geralmente por dois trabalhadores para cada máquina que teriam que dá conta da produção. Nesta atividade, os trabalhadores estavam sempre em contato com a fibra, extremamente corrosiva.

Segundo o Seu Humberto, “*um garoto ia amarrando*”¹⁸ as fibras que eram jogadas num canto, depois de desfibradas. Esse garoto ficava durante o dia prendendo as fibras para que “*a tardizinha os cambiterios pegasse as fibra e levava para o tanque, onde tinha uma vertente d’água*”¹⁹. A partir daí o lavador assumia sua função de pegar as fibras e por dentro de um recipiente com água, deixando de “*molho e só tirava de manhã e estendia nos lajero*”²⁰. No entanto, como as fibras eram leves os lavadores colocavam pedras em cima para que estas não boiassem na água. E isso era feito com os pés descalço e as mãos diretamente em contato, podendo haver corrosão de seus membros pelas substâncias nocivas desprendidas pelas fibras. Neste sentido, o Seu Humberto afirma, “*a baba dele corta mesmo né*”²¹. Além disso, aquele local cheirava mal, pois dificilmente o tanque era lavado e apenas era acrescentado mais água. O Seu Humberto ameniza quando diz que “*tinha aquela catinguinha de agave mermo*”²². E ainda comenta sobre a água: “*só trocava quando tava muito velha trocava, colocava a água dento da outra*”²³. Percebo na fala acima que os trabalhadores se adaptavam a situação degradante de trabalho.

Esse era o trabalho do lavador que chegava pela manhã retirava as fibras que estavam dentro da água do dia anterior e estirava nos lajedos para secar ao sol. Depois disso, o lavador dirigia-se para sua casa retornando a tarde para por água no tanque que geralmente era feito de cimento em cima de lajeiros próximos a um local que tivesse água por perto. Essa água era carregada por um galão, uma forma típica da zona rural de transportar presa a um pedaço de pau roliço em cujas extremidades se suspendem os objetos, para carregá-las nos ombros. Após encher o tanque, aguardava os cambiterios chegarem com as fibras e tudo começava novamente.

Durante o momento de secagem tinham lavadores que vinham virar as fibras, enquanto outros não. Posteriormente, o secamento as fibras eram atadas, ou seja, “*amarrava todos os moi deste tamanhe e depoi era os fexes, era duas amarração, uma na ponta e notra*”²⁴. Nesta perspectiva, Seu Humberto expõe que depois de seco as fibras são prendidas em pequenos feixes e depois em grandes. Em seguida, o lavador selava um animal e levava para o armazém da fazenda.

¹⁸ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

¹⁹ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

²⁰ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

²¹ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

²² José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

²³ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

²⁴ José Soares Filho, entrevista ao autor, no sítio Massaranduba Caiçara-PB, em setembro de 2013.

CAPÍTULO III – OS DESDOBRAMENTOS DO TRABALHO NO AGAVE

3.1 Dos acidentes e doenças

Muitos foram os acidentes que aconteceram no trabalho com o agave. Estes vão desde pequenos cortes até perdas de membros: braços e mãos, estes últimos aconteciam sobretudo com o puxador – no manuseio com a máquinas, desfibrando a folha do agave. Mas, os mais corriqueiros eram cortes nos dedos e nas mãos e furadas de espinhos. Segundo Dona Zélia “de primeiro nem uma bota eles tinham pra trabalhar”²⁵. Então, sem nenhuma proteção ficavam mais vulneráveis aos acidentes, chegando a práticas inusitadas para aliviar a dor: “quando trabaiava doi dia já tava esquentando lá no sebo as mão, que já ele não aguentava mai, lavavam com mijo pá pude esquentar, era fogo”²⁶. No entanto, alguns trabalhadores usavam uma proteção mínima. Assim afirma seu Luiz Dr.:

Usavam sempre uma luva, o cotador de agave usava sempre a luva e o puxador só trabaiava com as luvas, eles amarrava os dedus de daquela burracha fina né de cama de ar, amarrava os dedos pá pude colocar nas luvas, quando chegava na sexta-fera aqueles que fazia aquilo tava com as mão do memo jeito e os qui num fazia... eu memo nun fazia quando era na sexta-fera aí tava furada aqui, aí quando botava a foia de agave falava em santo que papa num conhecia. Porque fura qui só a bixiga o agave, judia muito com a pessoa.²⁷

Nas máquinas manuais também, já aconteciam pequenos acidentes, como os cortes nos dedos.

No caso das máquinas mecânicas quando ocorriam os acidentes na maioria das vezes o trabalhador ficava sem assistência pois, se o patrão pertencesse a categoria de dono de motor não tinha condições financeiras ou instrumentos adequados para poder prestar os primeiros socorros. Aqueles que trabalhavam nas fazendas recebiam certos cuidados de limpeza, higienização e remédios receitados pelos olheiros da fazenda, e, quando não era grave o ferimento era enrolado com trapos de panos e o trabalhador voltava a trabalhar quase imediatamente. Ficando enfermo vinha outro trabalhador a ocupar o lugar até a recuperação do doente. E este ficava a deriva, penando em casa com remédios do mato ou com alguns que

²⁵ Maria Zélia Soares de Almeida entrevista ao autor, no sítio Limeira Belém-PB, em agosto de 2013.

²⁶ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

²⁷ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

ele mesmo comprava na farmácia. Desta forma, ficava devendo na farmácia e na mercearia, onde compravam seus mantimentos, muitas vezes com a ajuda dos vizinhos às vezes os trabalhadores recebiam amparo dos seus patrões, mas este apoio não constituía uma obrigação e sim eram tidos como gestos de benevolência do patrão, como disse Seu Gonzaga. Apenas quando o proprietário “*era de bom coração*”²⁸ é que os trabalhadores feridos recebiam algumas ajudas quando não, sobreviviam como foi exposto acima, padecendo a beira da morte por falta de cuidados médicos – nesse período não existia hospital no município e os medicamentos eram receitados pelo farmacêutico.

Seu Gonzaga que trabalhou na Fazenda Massaranduba em várias funções do trabalho com o agave e principalmente na puxada, conta que não ocorreram acidentes graves nesta propriedade, mas que em outras regiões ao redor, ouviu falar muito de puxadores que perderam mãos e dedos nas navalhas do motor.

Já as doenças era outro problema que afligiam os trabalhadores, uma das mais comuns, segundo Seu Dú, era conhecida como unheiro ou pé de galo, uma espécie de moléstia que dava nas proximidades das unhas, semelhante a um furúnculo, só que em tamanho minúsculo, que doía e inchava. Mais também a coceira, a asma faziam parte desta lista que por muitas vezes prejudicava o trabalhador. A historiadora Nunes, mostra que as coceiras era algo presente, principalmente para os trabalhadores fibreiros ou lavadores e bagaceiros. “As coceiras, que frequentemente acometiam estes trabalhadores, eram ocasionadas por vários componentes presentes no bagaço, a exemplo do ácido sulfúrico, que provocava o sangramento nos pés e nas mãos”(NUNES; 2006, 210). E segundo o Sr Luiz que trabalhou como bagaceiro afirmou que, “*o branco dava uma coceira miserável né, o bagaço...*”²⁹.

3.2 A alimentação

A alimentação sempre fora precária e com pouca diversidade de legumes no prato, pois o que o roçado produzia era a base alimentar das famílias. Porém, com a chegada do agave algumas coisas mudaram negativamente, do ponto de vista da nutrição dos trabalhadores que agora vivenciavam outro momento histórico e com outra cultura.

²⁸ Luiz Gonzaga da Silva, entrevista ao autor, no sítio Baixa Grande Caiçara-PB, em agosto de 2013. Atualmente é aposentado e vive em uma micro propriedade da família, sobrevivendo praticamente de sua aposentadoria, no passado o Sr. Gonzaga trabalhou de puxador na fazenda Massaranduba mais de 30 anos, por sua rapidez e agilidade ficou conhecido como o “rei” do agave.

²⁹ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

Anteriormente ao trabalho com o agave os trabalhadores rurais lidavam com a lavoura de subsistência: milho, feijão e fava que era a base de seu sustento. Além disso, suas refeições ocorriam no seio familiar com seus filhos e esposa a sua volta, estas eram responsáveis pelo preparo da comida. Nesse sentido, os trabalhadores trabalhavam na roça, mas suas refeições, especialmente o almoço e o jantar aconteciam em suas casas.

Em contrapartida, com a chegada do agave as refeições se precarizaram, em especial o almoço. Os trabalhadores passaram a fazer suas refeições nos locais onde estavam instaladas as máquinas desfibradoras. A dieta destes empobreceu ainda mais. A comida além de pouca era precária e mal feita, preparada onde estavam as tais máquinas. Seu Luiz chega a dizer que a fome castigava muito os trabalhadores do agave. E conta um fato inusitado que aconteceu com um dos companheiros de trabalho, que teve que se ausentar na hora do almoço e quando chegou que lhe restava era uma mistura estranha:

... a tá da fome castigava demais, porque Charomba mermo foi um dos lá que, cunzinharum tudo junto, aí cumerum o feijão, aí disse, e agora? Falta Charomba, dixé dexi. Um olho queimado e de que é o caldo do feijão. Dispejaram o ólho queimado e ele boto farinha quando chego. Aí disseram fico só o caldo, ele despejó farinha e cumeu o oleo quemado.³⁰

Nas palavras de Seu Luiz percebe-se como era difícil a vida dos trabalhadores do agave. E essa era a “cantiga embalada cotidianamente”, comida pouca, sem preparo e sem tempero, de tal maneira que os trabalhadores já estavam acostumados e acomodados a comer desse modo, que o óleo com farinha não causou estranhamento pelo trabalhador Charomba. Um dos mais ágeis puxadores da região de Massaranduba, segundo Seu Humberto.

O almoço era a refeição mais nutritiva do dia, pois o café da manhã ficava só no café. Tomavam “*dois dedos de café*” cedinho da manhã às vezes de madrugada saiam para o trabalho cada qual levando seus alimentos para o almoço. Quando os trabalhadores chegavam onde o motor estava, juntavam legumes e carnes, caso trouxessem e colocavam tudo numa panela e cozinhavam para na hora do almoço juntar com a farinha e a rapadura. Então, a base alimentícia do almoço era os três ingredientes citados e a carne quando algum deles levava. Mas, também tinham aqueles poucos que iam almoçar em casa quando o motor estava perto de suas casas. Em relação ao cozinheiro Seu Luiz afirma que “*qualquer pessoa lá ajudava a*

³⁰ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

botar o fogo na panela”³¹, no sentido de que apenas cozinhavam do jeito que colocavam na panela e todos apenas ataçavam o fogo para não se apagar. Em outra ocasião ele fala sobre tal situação:

*... eles levava, cada um levava seu pouco de feijão macaça, seu pedacinho de carne né, a farinha, aí chegava lá butava tudo junto, uns catava outros num catava. Aí quando ia amoçar, aí todo mundo amoçava ali satisfeito meu fí, só vendo. ... o feijão cozinhava pra tudinho, feijão macaça cada cá né fazia seu prato. Se botasse alguma carne dento dividia, se num botasse assava uma tripa, alguma coisa pra comer e assim vivia. Era uma vida sofrida e de prazer né...*³²

Neste sentido, a refeição que mantinham esses trabalhadores firmes no trabalho era o almoço, pois o café praticamente não existia, como foi dito. Entretanto, a memória sobre o momento das refeições, fora construída no presente como prazerosas, pois certamente, o almoço era um momento de refestelo dos trabalhadores.

Quando chegava o horário do almoço, a partir das 11:00 horas, pois não existia um horário exato, e quem decidia parar eram os próprios trabalhadores, a refeição era no local de trabalho mesmo. Sentava-se pelo chão, em “tamboretas”, se escoravam em algum lugar, até nas máquinas e fazia dali sua mesa e para acompanhar seu cardápio, boa “prosa”.

Em outro momento Seu Luiz retrata e até compara indiretamente o almoço deles no agave com o almoço do dia que dava para o dono da Fazenda, onde morava. Mesmo sendo geralmente dois dias no trabalho com a lavoura, muitas vezes aconteciam de pagarem esses dias no trabalho de desfibramento do agave, pois, dependia do período ou da precisão. E sobre a refeição ele comenta,

*... noi trabaivava lá com amoço, quando era na hora do amoço Dona Ritinha era com uma coisa, tangendo as moscas na mesa da gente e era um comer que tinha uma coisa, não era puro não mai era de comer puro, um feijão bem preparado era bom demais lá.*³³

Contudo, diante do exposto, as refeições dos trabalhadores do agave eram precárias, mas eles se sujeitavam devido suas necessidades, afinal tinham suas famílias para alimentar e era dali que tiravam seu sustento. Nesse período era a única saída economicamente para a

³¹ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

³² Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

³³ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

sobrevivência, pois os campos cobertos das lavouras que colocavam os grãos na mesa dos homens “pobres”, como o Seu Luiz, foram substituídos pelo agave. Com o dinheiro ganho no trabalho do agave, os trabalhadores passaram a consumir produtos industrializados comprados nos barracos e mercearias da cidade e cidades vizinhas, alavancando o comércio local. Dinheiro que garantia apenas sua sobrevivência, dando somente para as necessidades básicas. *“Só dava só aquela conta mai era carne seca... eu ia pra feira de Belém... era dinheiro. Aí eu compava quase tudo né com aqueles sessenta mirei qui dava pá mim...”*³⁴, diz Seu Luiz.

COSIDERAÇÕES FINAIS

O sisal trouxe para Caiçara fonte de riqueza para muitos moradores da região, principalmente os proprietários de terras, afinal eram eles os possuidores da terra e dos meios de produção. Foram tantos hectares do município plantadas com agave que Caiçara foi destaque na produção paraibana de agave. Segundo Severino Ismael da Costa, a agave na época em estudo, o dinheiro circulou em tantas mãos nunca visto isto antes em outra cultura, pois “o preço fora altamente compensador”(COSTA; 1990).

Mas, mesmo gerando tanta riqueza no agave, no seu período áureo, não foi capaz de assegurar os moradores rurais a viverem em suas localidades do trabalho no campo. Muitos destes, se encaminharam para a cidade para trabalhar na usina Carneiro ou do funcionalismo público e, também indo para a região Sudeste seduzido por melhores condições de vida.

Contudo, é obvio que essa cultura monetarizou também os segmentos economicamente mais pobres. Não é à toa que muitos trabalhadores afirmam que esse período retratado fora de grande riqueza, mulheres, crianças e todos tinham seu “*dinheirinho*”, mas, era um dinheiro que dava apenas para suas necessidades de sobrevivência, pois paralela a expansão do agave ocorrera também uma alta nos preços.

Nesse sentido, a cultura do agave teve sua importância para o Nordeste, em particular o povo caiçarense que no período auge por volta da década de 60 era a fonte de renda da população, possibilitando no final de semana fazerem suas compras com o dinheiro adquirido no trabalho com o agave.

³⁴ Luiz Pedro da Silva, entrevista ao autor, em Caiçara- PB, em janeiro de 2014.

Este período trouxe riquezas e que entrou em declínio devido a nova fibra sintética que entrava no mercado no início da década de 70, ocasionando queda de preço no mercado.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: “Histórias dentro da história”**. PINSKY, Carla Bassanezi (org) In: Fontes históricas. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006. Pp. 155 -202.

COSTA, Severino Ismael. **Caçara: caminhos de Almoçreves**. João Pessoa: A União, 1990.

Eric Hobsbawn. **A História de baixo para cima**. In: Sobre História. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998. p. 216 – 231.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LIRA, Ivanildo Barbosa. **A cultura da agave e o trabalho feminino em Cuitegi-PB**. Monografia especialização. Guarabira: UEPB, 2011.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabiola. **Historia Oral: como fazer, como pensar**. 1ª Ed. - Editora: Contexto, 2007.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistências**. – 7ª ed. Joao Pessoa: A União, 2002. p. 238-274.

MIRANDA, Gilbert Patsayev Marreiro. *Agave sisalana, o ouro verde do sertão: o mundo do trabalho e os espaços de resistência narrados pela memória dos velhos sisaleiros do semi-árido paraibano (1970-1990)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes. *Processo de Ocupação do Espaço Agrário Paraibano*. Textos UFPB / NDIHR N° 24 set/1990.

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. *Maldição e benção: algumas histórias do sisal na Paraíba (1930-1953)*. Dissertação (pós-graduação em História). Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 1996.

_____. *Entre a capa verde e a redenção: a cultura do trabalho no agave nos cariris velhos (1937-1966, Paraíba)*. Tese. Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2006.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

Apêndice

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1- Dados do Projeto

Instituição responsável:

Nome da temática abordada: a cultura do agave no município de Caiçara-PB.

Data da Entrevista:

Responsável pela entrevista:

2- Dados do Entrevistado

Nome completo:

Idade:

Função em que trabalhava:

Onde trabalhava:

Onde morava na época:

3- Perguntas da Entrevista:

3.1 Da planta (agave):

3.1.1 O senhor sabe quando e como foi que chegou o agave no município de caiçara?

3.1.2 Existiam dois tipos de agave. Fale um pouco sobre os dois?

3.1.3 Qual a diferença entre um e outro?

3.1.4 Qual o tipo de agave mais plantado?

3.2 Das coisas boas:

3.2.1 Porque o senhor (a) trabalhava com a cultura do agave?

3.2.2 Qual o significado (importância) do agave pra o senhor (a)?

3.2.3 O senhor achava mais prazeroso o trabalhar com o agave ou no roçado? Por quê?

3.2.4 Qual era seu momento de lazer? O que você fazia?

3.2.5 O senhor guardava mais dinheiro no agave?

3.2.6 O que o senhor fazia com o dinheiro do agave?

3.2.7 O senhor (a) se divertia mais nesta época?

3.2.8 O senhor (a) acha que o período da cultura do agave trouxe riquezas? Por quê?

3.2.9 O senhor (a) acha que o agave trouxe mudanças para a sociedade caiçarense? Quais?

3.3 Das coisas ruins:

- 3.3.1 Aconteciam muitos acidentes no trabalho com o agave? Quais os mais frequentes?
- 3.3.2 Quando acontecia recebia assistência do dono da fazenda? Fale um pouco sobre isso?
- 3.3.3 E sobre as doenças, quais as doenças que o agave provocava?
- 3.3.4 Como era o processo de desfibramento?
- 3.3.5 Como eram as máquinas?
- 3.3.6 O senhor já ouviu falar na capa verde? O que o senhor (a) sabe sobre isto?
- 3.3.7 Além do agave o senhor (a) plantava outra cultura? O que?
- 3.3.8 Quantos dias na semana o senhor (a) trabalhava no trabalho com o agave?
- 3.3.9 Que horas pegava no trabalho e que horas largava?
- 3.3.10 O senhor fazia serão? Até que horas?
- 3.3.11 A quem era vendida a produção? Como era feito o negocio?
- 3.3.12 A família ia junto ao trabalho no agave? Faziam as mesmas tarefas que você?
- 3.3.13 Já ouviu falar em argolinhas? Explique como funcionava isso?

ENTREVISTADOS

José Cassiano de Sousa, entrevistado em Caiçara-PB no dia 18 de agosto de 2013;

José Soares Filho, entrevistado no sítio Massaranduba Caiçara-PB no dia 09 de setembro de 2013.

Luiz Gonzaga da Silva, entrevistado no sítio Baixa Grande Caiçara-PB no dia 04 de agosto de 2013.

Luiz Pedro da Silva, entrevistado em Caiçara- PB no dia 03 de janeiro de 2014.

Maria Zélia Soares de Almeida, entrevistada no sítio Limeira Belém-PB no dia 04 de agosto de 2013;

Paulo Teixeira da Silva, entrevistado em sua propriedade no sítio Massaranduba, Caiçara/PB no dia 06 de janeiro de 2014.

Raimundo Cesário da Cruz, entrevistado em Caiçara-PB no dia 05 de agosto de 2013.